

TV de graça não altera eleição

Mais de 275 horas ou de 16 mil minutos de acusações e promessas, no rádio e na televisão, serviram para reafirmar um dos grandes ensinamentos das últimas campanhas: ~~é pequena a influência~~ do horário de propaganda gratuita sobre a intenção de voto do eleitorado.

Ao encerrar-se ontem o período de propaganda eleitoral para o primeiro turno, os "latifundiários" daquele espaço permaneciam nas mesmas posições desfavoráveis e constrangedoras que as pesquisas lhes atribuíam 59 dias atrás. O PMDB do deputado Ulysses Guimarães consumiu mais de 43 horas de propaganda entre 15 de setembro e 12 de novembro. E não saiu da dramática faixa de 3%. O PFL de Aureliano Chaves ocupou outras 31 horas. Como na metade de setembro, o candidato oscila agora entre o traço e o índice de 1%.

Nem Ulysses nem Aureliano devem esse fracasso à falta de ouvintes e de telespectadores. O público atingido pelo horário eleitoral varia de 75 milhões de pessoas, alcançadas pela televisão, e 90 milhões de pessoas, alcançadas ~~pelo~~ rádio. Os programas se revelaram líderes absolutos de audiência.

Por conta disso, se quase 4.500 minutos de TV e rádio não ajudaram Ulysses nem Aureliano

bastaram 59 minutos para que Enéas, por exemplo, ganhasse notoriedade nacional.

"No dia 15 respire fundo, encha o seu peito de ar e grite junto com todo o Brasil: meu nome é Enéas", convidou ontem o candidato do Prona a quem quiser protestar "contra tudo que aí está".

Outros candidatos se destacaram sob suspeita de alugarem seus espaços a outras candidaturas. Nesse caso estão o PLP de Eudes Mattar, o PDC do B de Manoel Horta e o PPB de Antônio Pedreira. Dos 708 minutos que esses três partidos ocuparam no rádio e na TV, mais da metade foram usados contra Collor, Brizola, Lula, Covas, Afif Domingos e até Waldir Pires. Pedreira acabou como o candidato mais punido pela Justiça Eleitoral: ficou mais de 10 dias fora do ar.

Quase ninguém poupou ninguém. Collor abriu fogo contra Afif, Brizola e o PT. O candidato do PDT agrediu Afif, Maluf, Collor e Lula. Maluf voltou-se contra Brizola, Covas e Lula. Covas, ao fim da campanha, jogou farpas contra Maluf e Afif. O candidato ~~do PL~~ fez pronunciamentos contra Brizola, Collor, Covas e Lula. Lula atacou Maluf, Afif e Collor. A maioria deles reagiu indignada ao surgimento da candidatura Silvío Santos. E praticamente todos

atacaram o governo e Sarney, que só reagiu a Collor.

Houvesse um prêmio a quem menos agrediu adversários, poderia ser concedido ao professor Celso Brani — entre os representantes dos pequenos partidos — ou a Aureliano Chaves e Ulysses Guimarães — entre os candidatos das maiores agremiações.

Ulysses chegou ao fim sem agredir ninguém de fora do PMDB. Ele fechou ontem o período de propaganda gratuita condenando os "desertores e traidores" do PMDB, advertiu que serão punidos nas eleições de 1990 e dirigiu aos eleitores um pedido: "Não vote nos reacionários do conservadorismo". A lei que distribuiu os tempos no rádio e na TV foi generosa com Ulysses ao dar-lhe o maior espaço, mas não lhe garantiu votos. De quase dois meses de horário eleitoral gratuito, não sobrou muito mais do que a queda dos índices de Fernando Collor; o crescimento de Covas e de Lula; programas inúteis de Silvío Santos; a breve ilusão de Afif, que não resistiu a um debate; imagens de grandes comícios e, de ontem, um apelo final de Brizola a Ulysses, Covas e Freire. Excluindo Lula, pediu a união do PSDB, do PMDB e do PCB em torno de sua candidatura e contra "os filhotes da ditadura".